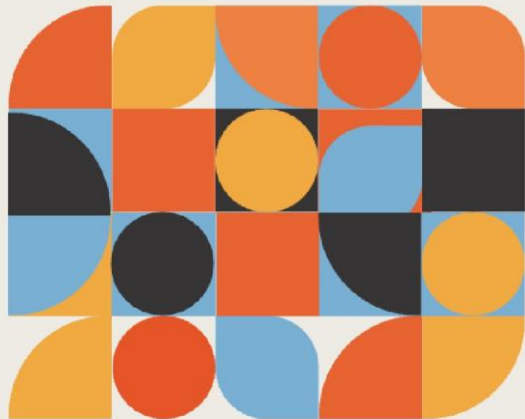




A HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO ESTEREOTIPADA E HOMOGÊNEA DO NORDESTE NA MODA BRASILEIRA

The History of the Stereotyped and Homogenized Construction of the Northeast in Brazilian Fashion

Bispo, Ana Beatriz; Graduada; UNIPÊ - Centro Universitário de João Pessoa,
silvabispoanabeatriz@gmail.com¹

Bezerra, Dyana; Especialista; UNIPÊ - Centro Universitário de João Pessoa,
dyana.barreto@unipe.edu.br²

Resumo: Este artigo analisa como a moda brasileira representa o Nordeste por meio de signos visuais repetitivos e estereotipados, baseados na violência e na escassez. Argumenta-se que essas representações constroem uma imagem homogênea da região, apagando suas diversidades culturais, sociais e territoriais. O estudo propõe refletir sobre o papel da moda na manutenção desse imaginário e sobre possibilidades de narrativas mais diversas de representação. **Palavras chave:** Moda nordestina; identidade cultural; estereótipos.

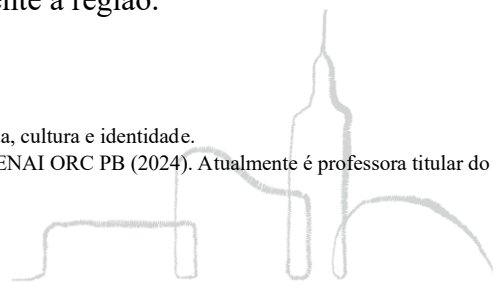
Abstract: This article analyzes how Brazilian fashion represents the Northeast through repetitive and stereotypical visual signs, often based on themes of violence and scarcity. It argues that such representations construct a homogenized image of the region, erasing its cultural, social, and territorial diversity. The study seeks to reflect on the role of fashion in sustaining this imaginary and explores possibilities for more diverse narratives of representation. **Keywords:** Northeast fashion; cultural identity; stereotypes.

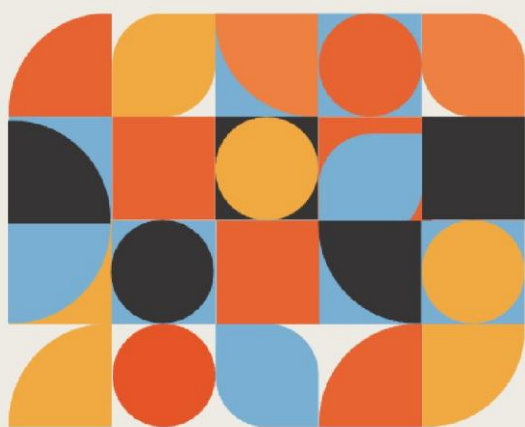
Introdução

A forma como a moda brasileira representa o Nordeste revela um processo contínuo de simplificação simbólica, no qual a diversidade da região é frequentemente reduzida a imagens fixas e recorrentes. Couro, cangaço, seca, tons terrosos e escassez se tornam signos privilegiados na composição de um imaginário que pretende condensar o Nordeste em uma identidade regional homogênea e estereotipada. Essa padronização imagética desconsidera a complexidade territorial, étnica, cultural e temporal que marca profundamente a região.

¹ Graduada em Design de Moda pelo Centro Universitário de João Pessoa (Unipê), pesquisa os campos de moda, cultura e identidade.

² Graduada em Design Gráfico pela Universidade Potiguar (2017) e especialista em Modelagem Criativa pelo SENAI ORC PB (2024). Atualmente é professora titular do Centro Universitário de João Pessoa.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre essas representações na moda brasileira, com o objetivo de investigar como se formou e se consolidou esse repertório simbólico limitado e analisar de que forma a moda contribui para a manutenção (ou a ruptura) de discursos que invisibilizam a pluralidade do Nordeste. Inicialmente, é examinada a forma como esses signos foram historicamente construídos e se perpetuaram a partir da repetição. Em seguida, discute-se como esses símbolos foram apropriados e amplificados pela moda. Além disso, é destacada a importância da valorização de novas estéticas e narrativas sobre o Nordeste.

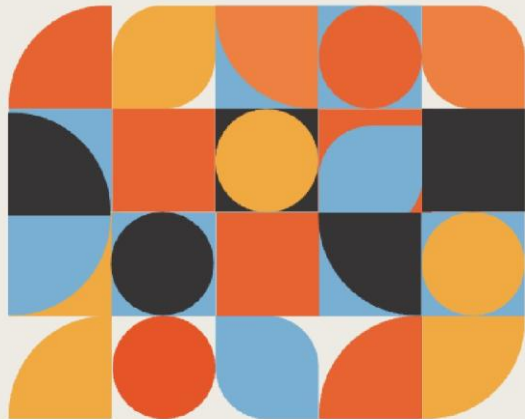
Para isso, é utilizada uma abordagem qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica e na análise crítica e interpretação de repertórios simbólicos e estéticos já consolidados. O trabalho se ancora nos textos acadêmicos de Durval Muniz de Albuquerque Júnior e no seu livro “A invenção do nordeste e outras artes”, cuja crítica à invenção discursiva do Nordeste evidencia como a identidade regional é fruto de construções simbólicas historicamente condicionadas e repetidas. Também são mobilizadas as contribuições de Carol Barreto, que propõe a moda como prática política e criadora de subjetividades, e dos autores João Braga e Luís André do Prado, que contribuem para a compreensão da formação de uma moda brasileira. Além disso, o trabalho analisa coleções emblemáticas que se inspiraram na estética nordestina, com destaque para a coleção de Zuzu Angel nos anos 1970, a fim de evidenciar a recorrência de signos visuais associados ao Nordeste e sua legitimação pela moda.

Ao propor uma reflexão sobre essas representações estereotípicas, este artigo também se volta para a valorização das iniciativas que já vêm propondo novas narrativas visuais, pois entende-se que repensar as formas de representar o Nordeste é, antes de tudo, um gesto político.

A construção simbólica do Nordeste

A região Nordeste, em especial o sertão, tem sido historicamente representada por um conjunto de imagens e discursos que fixaram um lugar simbólico específico para ela dentro do imaginário nacional. No entanto, essa identidade regional não é necessariamente um reflexo da realidade geográfica, social ou cultural da região, e sim o resultado de um processo discursivo complexo e ideológico. O Nordeste é uma espacialidade “fundada historicamente, originada por





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

uma tradição de pensamento, uma imagística e textos que lhe deram realidade e presença” (Albuquerque Júnior, 2011, p. 79).

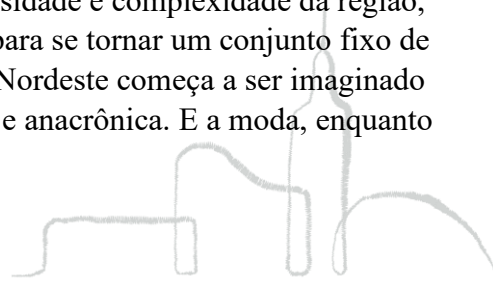
Essa construção tem raízes em discursos como os que emergiram após a “grande seca” de 1877-1879, e na monumentalidade simbólica do livro “Os Sertões” (1902), de Euclides da Cunha, que inscreveu o sertão na memória nacional como espaço da barbárie heroica, da miséria e da resistência à civilização (Albuquerque Júnior, 2019, p. 25). O processo se intensifica com a consolidação do discurso regionalista nordestino, exemplificado pela literatura do chamado “romance de 30”. Com autores como Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida e José Lins do Rego, ela teve papel central na consolidação de uma identidade simbólica do Nordeste. Suas obras, muitas vezes, buscavam exaltar a força da população diante da adversidade, contudo, ao enfatizar narrativas de escassez, sofrimento e luta pela sobrevivência (Albuquerque Júnior, 2011, p. 94), acabaram contribuindo para a cristalização de um repertório imagético que ultrapassou a literatura e foi apropriado por outras linguagens.

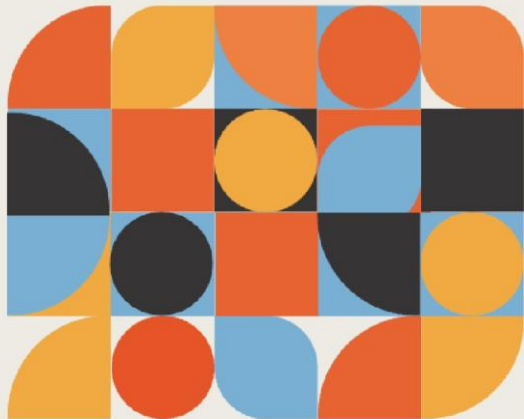
É nesse contexto que se configura o “rpto do sertão”, conceito proposto por Durval Muniz, no qual o sertão é apropriado por intelectuais e artistas nordestinos como forma de afirmação regional e se torna emblema da própria ideia de Nordeste. No entanto, essa afirmação reforçou uma lógica binária entre um Nordeste tradicional e um Brasil moderno, reduzindo o sertão, originalmente múltiplo e presente em outras regiões do país, a um arquétipo vinculado ao semiárido nordestino, à escassez e ao atraso. Tal imagem, ainda que exaltada como resistência, também reproduz um lugar de marginalidade (Albuquerque Júnior, 2019, p. 29). Ao longo do tempo, esse imaginário foi reiterado por diferentes expressões culturais, inclusive pela moda.

Assim, foi se consolidando uma sinonímia entre sertão e Nordeste, e entre Nordeste e escassez. Nesse processo, a estereotipagem é uma peça central. Segundo Albuquerque Júnior,

“O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras” (Albuquerque Júnior, 2011, p. 30).

Ao simplificar e repetir determinadas imagens, o estereótipo apaga a diversidade e complexidade da região, fazendo com que ela deixe de ser percebida como uma realidade múltipla para se tornar um conjunto fixo de representações. Com o tempo, essas ideias passam a ser naturalizadas, e o Nordeste começa a ser imaginado quase como uma materialidade imutável, uma cultura homogênea, estática e anacrônica. E a moda, enquanto campo de produção visual, participa ativamente dessa lógica.





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

A moda como discurso visual que produz sentido

Quando a moda é observada a partir da perspectiva discursiva, torna-se possível compreendê-la como uma prática social que produz, circula e naturaliza ideologias - da mesma forma que outras linguagens, como a literatura, o cinema, a música, a pintura e o teatro, que “não apenas representam o real, mas instituem reais” (Albuquerque Júnior, 2011, p. 34). Essa ideia é reforçada por Carol Barreto ao afirmar que a moda é linguagem, e como tal, “atua como pilar na construção de subjetividades” (Barreto, 2024, p. 24). A moda, portanto, não apenas representa o Nordeste: ela cria versões visuais dele, que se tornam dominantes quando repetidas e legitimadas por quem tem o poder de enunciar. A escolha por certos materiais, cores e cenários não é neutra - ela revela uma narrativa sobre quem são os nordestinos, como vivem e o que representam para o Brasil.

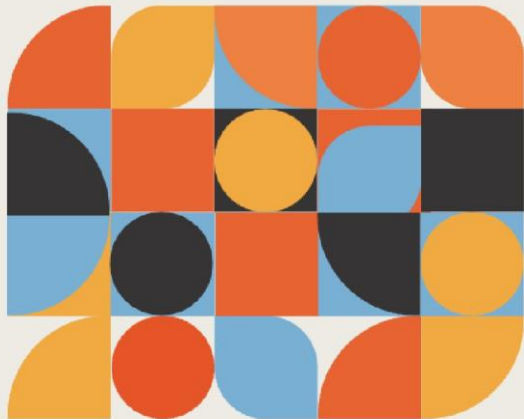
O Nordeste segue sendo representado mais como cenário estético e afetivo do que como sujeito político (Albuquerque Júnior, 2011, p. 80). E a moda, ao adotar a estética idealizada da região, não faz uma provocação a esse arquivo simbólico, apenas o reveste de apelo comercial, reforçando a ideia do Nordeste como algo estilizado, porém estagnado, pois, “Se, por um lado, [no Brasil] dispomos de um vasto arcabouço de valores e símbolos “vestíveis” com significações para a moda, não podemos esquecer que o ato criativo se faz também da negação e até da anulação desses significantes” (Braga; Prado, 2011, p. 9)

Enxergar a moda como linguagem implica reconhecer que cada escolha estética carrega e comunica um posicionamento, mesmo que este seja a repetição de um imaginário consolidado. Se a moda tem o poder de instituir realidades, então ela também tem a responsabilidade de questionar os sentidos que ajuda a construir. Reconhecer essa dimensão discursiva da moda é fundamental para romper com uma lógica que transforma o Nordeste em paisagem e produto, mas não em sujeito de sua própria narrativa.

A estética do Nordeste idealizado como repetição de um imaginário

Ao observar as representações do Nordeste na moda brasileira contemporânea, torna-se evidente a presença de um repertório visual repetitivo e esteticamente codificado. São recorrentes os elementos





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

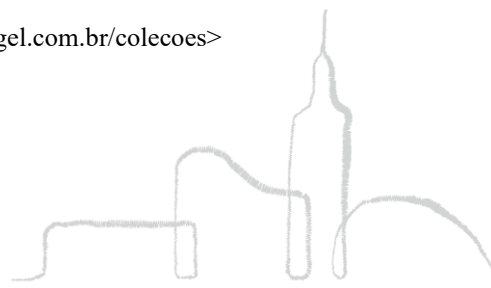
como o couro, o chapéu de cangaceiro, a aridez. Esses signos compõem o que se pode chamar de uma “estética do Nordeste idealizado”, que transforma a região em um conjunto de imagens simbolicamente potentes. A moda brasileira tem representado o Nordeste de forma reiterada, quase sempre a partir de um imaginário que romantiza a escassez e a violência.

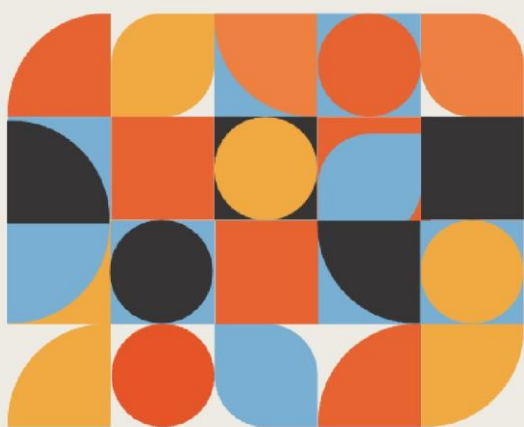
Contudo, nem sempre foi assim. Quando Zuzu Angel lançou, em 1970, sua coleção inspirada na região, realizou um gesto disruptivo para seu tempo: ela foi uma das primeiras estilistas a inserir o Nordeste como referência estética relevante dentro da moda nacional e internacional. Em um período em que a moda brasileira privilegiava referências europeias e o Sudeste como centro criativo e simbólico, Zuzu, nascida em Minas Gerais, voltou seu olhar para o Nordeste como afirmação cultural. (Acervo Digital Zuzu Angel, 2017). Tal afirmação se explica pelo fato do Brasil, enquanto país de origem colonial, ter desenvolvido hábitos de vestuário e uma cultura de moda inicialmente pautados na imitação das tendências das metrópoles estrangeiras. Apenas no final do século XX é que começou a surgir, ainda de forma incipiente, uma busca por autorreferência na moda brasileira (Braga; Prado, 2011, p. 9).

Figura 1: Look da coleção “Dateline Collection I”, 1970



Fonte: Acervo Digital Zuzu Angel <<https://www.zuzuangel.com.br/colecoes>>





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

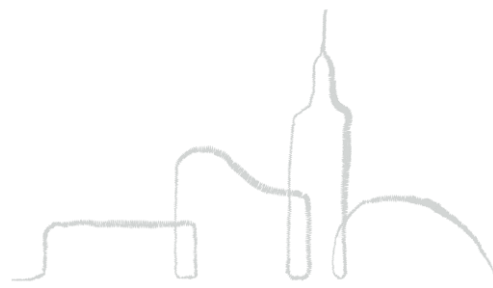
Por isso, mesmo a escolha de Zuzu por elementos referenciados neste artigo como “estereotipados”, foi uma tomada de posição revolucionária: ao trazê-los para a passarela, ela afirmava a legitimidade estética do Nordeste num circuito que até então o ignorava. Seu trabalho antecipou o debate sobre a valorização das culturas regionais na moda brasileira e abriu caminho para outras iniciativas que viriam a explorar esse universo simbólico.

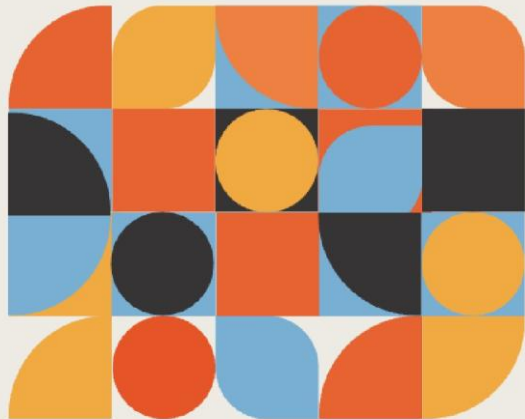
Desde então, diversas coleções retomaram esse imaginário, talvez por desconhecerem a existência de outras formas de representar a região. Não se trata aqui de questionar a qualidade técnica ou artística dessas criações; ao contrário, muitas delas são exemplos potentes da capacidade da moda de criar narrativas visuais sensíveis. Além disso, é fundamental reconhecer a importância de estilistas voltarem seus olhares para o Nordeste. Ao deslocarem o centro das referências, essas iniciativas ajudaram a consolidar a região como repertório válido no âmbito da moda. Contudo, mesmo dentro dessas propostas, nota-se uma tendência a recorrer a símbolos visuais que acabam por fixar uma narrativa única sobre o que é ser nordestino. Portanto, é necessário refletir sobre como essas repetições, mesmo que com novas camadas de sentido, acabam por alimentar uma continuidade estética que consagra certos signos como sinônimos de Nordeste, em detrimento de outros olhares e vivências.

A moda, nesse contexto, é um meio de contar uma história limitada sobre a região, que ignora as dissidências e os atravessamentos contemporâneos que também a constituem. A pluralidade nordestina é ignorada em nome de um arquivo visual repetido e validado inúmeras vezes dentro da moda nacional. Reconhecer a potência do gesto pioneiro de Zuzu Angel, bem como a competência das coleções de estilistas contemporâneos, é também entender que suas propostas, ainda assim, estão inseridas em um campo simbólico onde certos signos ganham centralidade e outros permanecem invisibilizados.

Novas visões, novas possibilidades

O Nordeste existe no plural - ele pode ser cosmopolita, afrodiaspórico, *queer*, periférico, litorâneo, tecnológico, entre outros. O objetivo não é delimitar o que deve ou não ser representado, muito menos apontar qual seria o “verdadeiro Nordeste”. Afinal, pleitear a existência de uma verdade para o Nordeste é alimentar a mesma lógica que o transforma em produto simbólico estático, pois ela nunca existirá (Albuquerque Júnior, 2011,





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

p. 30). O que é proposto, em vez disso, é um deslocamento do olhar: um convite a pensar outras formas de ver e vestir o Nordeste, multiplicando os signos possíveis, reconhecendo a pluralidade dos sujeitos e dos modos de existência que compõem essa região.

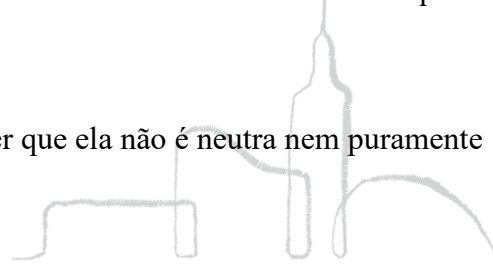
Esse gesto é político. Como descreve Carol Barreto, a partir do processo criativo, é possível contribuir para a desconstrução das imagens, pois enquanto veículo que nos faz “acessar, produzir e reproduzir imagens de autoridade ou de subalternidade”, a moda tem um papel crucial (Barreto, 2024, p. 60). Quando um mesmo imaginário é repetido à exaustão (mesmo sob a forma da exaltação), ele impede a emergência de outros enunciadores, outras estéticas, outras formas de pertencer e representar. Questionar o “Nordeste idealizado” não é negar suas tradições, mas sim recolocá-las em fluxo, em diálogo com sua contemporaneidade diversa.

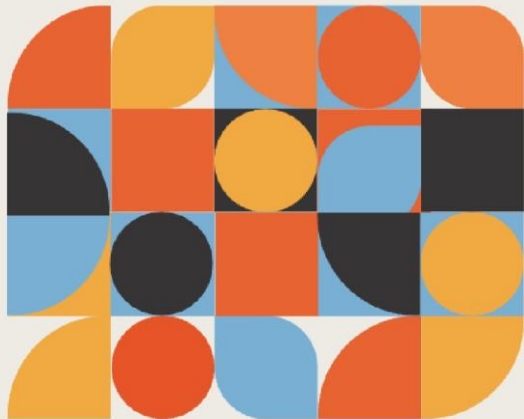
Se as identidades culturais estão em constante construção e desconstrução e são moldadas pelas representações visuais e simbólicas que circulam (Albuquerque Júnior, 2011, p. 35), então a moda pode - e deve - ser um espaço de reconfiguração dessas identidades. Uma moda nordestina plural não apaga os símbolos tradicionalmente associados a ela, mas também não se resume a eles. Ela não nomeia, nem define o Nordeste, ela o escuta. E, escutando, permite que sua multiplicidade se manifeste em imagens novas, honestas e em construção.

Considerações Finais

Ao longo deste artigo, buscou-se compreender por que determinados símbolos visuais seguem sendo constantemente associados ao Nordeste brasileiro e de que maneira a moda contribui para a manutenção desses estereótipos. Essas representações reduzem a região a uma unidade estética e simbólica, apagando sua complexa multiplicidade territorial, étnica, urbana, racial, de gênero e de classe. Como discutido anteriormente, o Nordeste não é uma entidade uniforme, nem pode ser traduzido por um único conjunto de signos. Se já não é possível falar em homogeneidade cultural dentro de um único estado nordestino, tampouco se pode esperar isso ao considerar os nove estados que compõem a região. Tal generalização não apenas apaga diferenças fundamentais, como também alimenta a ideia de uma identidade regional definitiva, que serve mais à fantasia nacional do que à complexidade da experiência nordestina.

Reconhecer o papel da moda nessa conjuntura implica entender que ela não é neutra nem puramente





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

reflexiva, mas sim um campo onde identidades e subjetividades são construídas, reproduzidas e transformadas. A moda pode repetir estereótipos e reforçar silenciamentos, mas também pode reinventar discursos, propor novas narrativas e abrir espaço para outras vozes, especialmente quando feita com consciência territorial e responsabilidade política.

Diante disso, é necessário reivindicar e valorizar modas nordestinas diversas, que não se limitem à “tendência regional”. Modas que já estão sendo produzidas a partir das mais diversas realidades nordestinas; que não pretendem traduzir um suposto “Nordeste verdadeiro”, mas acolher os Nordeste possíveis, mutáveis e híbridos, feitos de memória e inovação. Reconhecer essas iniciativas é também afirmar uma moda crítica, com potência para romper com a lógica imagética dominante, desfazendo clichês e propondo outras formas de ver e narrar o Nordeste. Espera-se, assim, construir e fortalecer novas visualidades que abracem a contemporaneidade da região em sua pluralidade. Desse modo, a moda pode tornar-se um campo fértil de escuta, invenção e transformação.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D.M. O Rapto do Sertão: a Captura do Conceito de Sertão pelo Discurso Regionalista Nordestino. **Revista Observatório Itaú Cultural**, vol 25, p. 21-32. São Paulo, 2019.

BARRETO, C. **Modativismo**: Quando a moda encontra a luta. São Paulo: Paralela, 2024.

ENSAIO FOTOGRÁFICO DA COLEÇÃO INTERNATIONAL DATELINE COLLECTION I. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://www.zuzuangel.com.br/documental/ensaio-fotografico-da-colecao-internationaldateline-collection-i>>. Acesso em: 24 jun. 2025

MARIA BONITA E LAMPIÃO POR ZUZU ANGEL. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <<https://www.zuzuangel.com.br/noticias/maria-bonita-e-lampiao-por-zuzu-angel>>. Acesso em: 24 jun. 2025.

PRADO, L. A.; BRAGA, J. **História da Moda no Brasil**: Das influências às autorreferências. 2ª ed. Barueri: Disal, 2011.

